



## IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA ORIENTADA E DO PROFESSOR EXPERIENTE COMO NORTEADORES DO SABER DOCENTE DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA DA FAEM/UFPEL

**VALENTE, Beatriz Simões<sup>1</sup>; RODRIGUES, Carla Gonçalves<sup>2</sup>; MOREIRA, Cristine Victoria<sup>3</sup>; XAVIER, Eduardo Gonçalves<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Doutoranda do PPZG/FAEM/UFPEL; Aluna de Especialização da FAE/UFPEL; Coordenadora do NEMA PEL. [bsvalente@terra.com.br](mailto:bsvalente@terra.com.br)

<sup>2</sup>Prof.<sup>a</sup> do Departamento de Ensino da FAE/UFPEL. [cgrm@ufpel.tche.br](mailto:cgrm@ufpel.tche.br)

<sup>3</sup>Estagiária do Núcleo de Estudos em Meio Ambiente (NEMA PEL)

<sup>4</sup>Prof. Adjunto do DZ/FAEM/UFPEL

### 1. INTRODUÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da FAEM/UFPEL foi criado em 1972, pelo professor Dr. Renato Peixoto, que recepcionou, no mesmo ano, a primeira turma de mestrandos em Zootecnia. A criação do doutorado veio mais tardiamente, em 2002. Atualmente, é representado por 24 docentes, sendo 18 com título de doutor e seis pós-doutores. Tem por objetivo a formação de pessoal qualificado para o exercício das atividades de pesquisa, ensino e desenvolvimento na área de Zootecnia, conforme preconiza a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Entretanto, o primeiro propósito parece ser considerado prioritário, ficando de certo modo, como na maioria dos Programas, a formação docente negligenciada.

O corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da FAEM/UFPEL é formado por 48 alunos, sendo 27 de mestrado e 21 de doutorado e na sua maioria formados em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia, que se submetem a um processo seletivo de bastante exigência para serem admitidos. Desses discentes, 31 possuem bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e 11 alunos, bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). De acordo com o regulamento do Programa de Demanda Social anexo à Portaria nº 52/002, a concessão de quota de bolsas aos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* é definida com base nos resultados do sistema de acompanhamento e avaliação, coordenado pela CAPES, com a finalidade de manter, em tempo integral, alunos de excelente desempenho acadêmico. Esses alunos, além das disciplinas obrigatórias referentes ao primeiro semestre do curso, também necessitam realizar o estágio de docência orientada, que está fundamentado no Art.17º do Programa de Demanda Social. Neste artigo, lê-se que “o estágio de docência é parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência e a qualificação do ensino de graduação,

sendo obrigatório para todos os bolsistas do Programa de Demanda Social. Entretanto, este documento não menciona como deve ser realizada esta formação docente, deixando a critério do Programa de Pós-Graduação.

Desta forma, o nosso objetivo foi investigar a importância do estágio de docência orientada, bem como do professor experiente como norteadores do saber docente de alunos de Pós-Graduação em Zootecnia da FAEM/UFPEL.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo foi realizado com algumas alunas do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia da FAEM/UFPEL, durante o período de três meses. Conta, como informantes seis doutorandas graduadas na UFPEL, com título de mestre obtido no PPPGZ.

A pesquisa caracteriza-se, predominantemente, como qualitativa do tipo etnográfico. Como instrumento para coleta de dados, utilizamos uma entrevista semi-estruturada, que foi gravada, o que proporcionou uma maior liberdade à manifestação dos respondentes. Os sujeitos foram contatados pessoalmente e individualmente, com o propósito de apresentar-lhes o trabalho que eu estava desenvolvendo, procurando assim dissipar qualquer desconfiança quanto ao uso dos dados e também com o intuito de agendar, de acordo com os seus horários disponíveis, os encontros individuais. Embora todos os sujeitos fossem femininos, o trabalho não se caracteriza por um estudo de gênero.

Para André (1995, p. 111), a pesquisa etnográfica “se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”. Ainda a mesma autora acrescenta que através das técnicas etnográficas de observação e de entrevistas é possível desvelar os encontros e desencontros que permeiam o cotidiano da prática docente universitária. Além disso, possibilita descrever as ações e representações de seus atores sociais, bem como reconstruir a sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano de seu fazer pedagógico.

O estudo, portanto, incluiu dois tipos de interpretação dos dados. O primeiro permitiu o agrupamento de informações consideradas relevantes sobre a importância do estágio de docência orientada, bem como do professor orientador como norteadores do saber docente dos sujeitos. O segundo consistiu em buscar as convergências e divergências nas respostas obtidas nas coletas de dados.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Valendo-nos da situação das maiorias dos Programas de Pós-Graduação quanto á saberes docentes de seus alunos, investigamos a partir dos sujeitos do PPPGZ da FAEM/UFPEL se o estágio de docência orientada contribui para a sua formação docente.

“Sim, nos proporciona um contato com os alunos e situações ocorrentes em sala de aula. Ocorre uma preparação de como atuar em sala de aula, apesar de faltar um pouco de orientação de como melhorar e incrementar.

Além disso, a docência orientada funciona como estágio, onde você pode errar, funciona para perder a timidez e outros” (Doutoranda A).

“Sim, pois é o momento em que iniciamos o nosso contato com o público acadêmico. Cada aula ministrada é um mistério que vai sendo desvendado na rotina diária com os alunos de graduação, melhorando com o passar do tempo, o desempenho como professor (ou futuro)” (Doutoranda B).

“Sim. É a maneira que temos de ter um primeiro contato com os alunos, estimula a procurar mais sobre determinado assunto e nos ensina a organizarmos nosso pensamento, assim como planejarmos uma aula. Mas, é claro, que ter um apoio do professor da disciplina e as críticas são sempre válidas para o nosso crescimento” (Doutoranda C).

“Sim, porque é quando temos a oportunidade de ministrar aulas, somos avaliados pelos nossos orientadores e pelo menos, recebemos orientações, para tal atividade” (Doutoranda D).

“Sim, pois de uma certa maneira, estamos impostos a ministrar aulas para alunos do ensino médio e superior, ainda que não tenhamos uma orientação pedagógica sobre a melhor maneira de fazê-lo” (Doutoranda E).

“Sim, porque é uma forma de perder aquele “pavor” de falar em público; é um treinamento para o futuro, quando não teremos mais quem nos oriente” (Doutoranda F).

Entretanto, parece que durante o estágio, não são trabalhados com os discentes, conhecimentos teóricos na área pedagógica, o que reforça a idéia de que para ensinar basta conhecer o conteúdo e ter experiência (Gauthier, 1998), que neste cenário é proporcionada pelo contato diário com os alunos, a sabor dos erros e dos acertos de cada discente entrevistado.

Corroborando desta visão, Pimenta e Anastasiou (2002) comentam que a formação oferecida aos pós-graduandos, separa-os de qualquer discussão sobre o pedagógico. Cunha (2004, p. 527) comungando deste pensamento explica que

[...] a docência universitária recebeu forte influência da concepção epistemológica dominante, própria da ciência moderna, especialmente inspiradora das chamadas ciências exatas e da natureza, que possuía a condição definidora do conhecimento socialmente legitimado.

Ainda, nos depoimentos, percebemos divergências nas respostas dos sujeitos, quanto à necessidade da presença do professor orientador durante o estágio. Para algumas, a presença do profissional experiente, se torna importante para apontar as falhas “[...] quanto à postura”, “[...] ao falar muito rápido” e “[...] ao gesticular muito”. Desta forma, as alunas demonstram concordar que as críticas, sejam elas positivas ou negativas, contribuem para a sua capacitação docente, sendo assim ilustrada em uma das falas:

[...] eu até gosto que sejam críticos comigo porque é a maneira que tu tens de aprender, porque se não tu nunca vai saber, tu podes estar errando, errando, achando que está fazendo a “oitava maravilha do mundo” e de repente não está fazendo nada daquilo, ou tu podes estás achando que os alunos estão entendendo e de repente eles não estão. Então, a pessoa que está de fora, consegue captar se tu não foi tão clara com eles, porque as

vezes os alunos não falam. Então é bom ter outro profissional junto contigo porque aí ele te diz, acho que não foi legal, não ficou bem claro” (Doutoranda C).

Para outra aluna, a presença do professor orientador impede a livre manifestação de características, que são inerentes a cada indivíduo e, que são norteadoras de suas práticas dentro da sala de aula. Valemo-nos da sua verbalização para exemplificar:

“Eu acho que a presença do orientador na aula... eu ia me sentir mais constrangida. Eu acho que a aula de docência orientada, o orientador tem que saber que o aluno é capaz de fazer aquilo. Se tem dificuldade, faz um treinamento antes com o orientador. Eu acho que tu ficas muito presa. Eu acho que querendo ou não, tu está ali na frente como formadora de opinião e se tu não tens a tua opinião, se tu precisa da aprovação de outra pessoa para tua opinião..., eu acho uma coisa meio.... eu não consigo me libertar totalmente. Essa liberdade me fez crescer muito porque eu me auto-avalio. Eu sei direitinho quais são os meus defeitos” (Doutoranda B).

Neste cenário, a futura docente prefere assumir uma posição ativa de sua própria prática, que é organizada a partir da sua vivência, de sua história de vida, de sua afetividade e de seus valores. Entretanto, deixar esta aluna experimentando uma pedagogia da prática, construída solitariamente no seu cotidiano, pode também acabar prejudicando-a no seu aprendizado profissional.

De fato, a presença do professor orientador com suas constantes interrupções, pode levar a um descrédito deste futuro professor perante aos alunos de graduação, o que pode prejudicar a estruturação de sua prática e, também a aquisição do sentimento de competência para o exercício do trabalho docente. Nesta perspectiva, Cortesão (2002, p. 40) salienta que “os docentes universitários ensinam geralmente como foram ensinados, garantidos pela sua prática e por uma socialização idêntica àquela de que eles próprios foram objetos”. Neste contexto, seria importante a troca coletiva das aprendizagens das experiências, que servirão como base para a sua profissionalização docente futura. Desta forma, os pensamentos, as competências e os saberes dos professores ultrapassam as realidades estritamente subjetivas, sendo assim socialmente construídos e partilhados (Tardif, 2007).

#### 4. CONCLUSÕES

O estágio de docência orientada proporciona, aos alunos do PPGZ da FAEM/UFPEL, um aprendizado prático na sua formação para o exercício do trabalho docente. Os sujeitos divergem quanto á necessidade da presença do professor experiente como norteador do seu saber docente. Por outro lado, sabe-se que a troca coletiva das aprendizagens das experiências, são importantes para a sua profissionalização docente futura.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. A contribuição da pesquisa etnográfica para a construção do saber didático. In: OLIVEIRA, M. R. N. S. O. **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1995.

CORTESÃO, Luiza. **Ser professor: um ofício em risco de extinção?** Portugal: Ed. Afrontamento, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação. **Educação**, n.3, v.54, 2004, p.525-536.

GAUTHIER, Clermont. Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante. In: **Por uma teoria da pedagogia**. Ijuí: Editora Unijui, 1998.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

**REGULAMENTO DO PROGRAMA DE DEMANDA SOCIAL. Portaria nº 52/002.** Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/legislacao/2340-portarias>  
Acessado em: 8 de jul 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007.